



NO ENTRUDO, NÓS SOMOS VERDADEIRAMENTE NÓS

O Entrudo é umha das festas mais esperadas, e nom é por acaso. É nesta época, e muitas vezes só nesta época, que nós podemos ser quem realmente somos, ou quem queremos ser. É quando podemos fazer o que o resto do ano nom nos é permitido. Pomos a máscara e ocultamo-nos -ou exibimo-nos, segundo se considerar- e lançamo-nos ao prazer de viver.

AMEIXEIRAS POSTGRESIVISTA

Este mês, o convidado ao nosso espaço literário é o escritor Diego Ameixeiras, quem nos achega um relato que decerto nom nos há deixar indiferentes. Alguns dos ingredientes desta ementa som a encomenda de um editor, o achado de um tesouro inesperado e um movimento literário *ad hoc*, o *postgresivismo*.

RADIOGRAFIA DE ARANGA

Na secção de Geografia entrevistamos Santiago Fernandes, natural de Aranga e membro da Associação Cultural Ferveças que trabalha a zona. Graças à conversa com ele aproximamo-nos de umha das comarcas mais desconhecidas da Galiza interior, ao seu passado mais imediato e à conservação do seu património natural.

TEMPOS MODERNOS

O desejo da máscara

Xavier Viana

O Entrudo, para muitos de nós, é a festa mais esperada de todas quantas celebramos ao longo do ano. Por intensidade, por duração e por tantos rituais construídos nas suas celebrações durante anos, mesmo séculos, sobrevivendo aos obscenos destinos que os séculos XIX e XX nos concederam. Porque as mascaradas, é dizer, a construção simbólica de personagens ou objetos, é algo compartilhado pelas múltiplas e diversas culturas que o homo sapiens teve a bem desenvolver desde o amanhecer dos tempos. Mas, em essência, o Entrudo é festa.

E a festa encaminha-nos ao paraíso, achega-nos o desejo, permite-nos a emoção e a fascinação, enche-nos de satisfação e paixão, quebra a monotonia e, fundamentalmente, reforça os valores solidários da comunidade. A substituição dos modos de vida tradicionais por um modo de vida moderno e civilizado como consequência do despovoamento massivo das áreas rurais tem como resultado uma transformação, entre outras, das representações coletivas que existem na nossa sociedade. Assim, o Entrudo de

Vigo ou da Corunha nada tem a ver com o Entrudo que se celebra, por exemplo, em Vilarinho de Conso ou nas paróquias ribeirãs de Chantada. São coisas bem diferentes, embora tenham o mesmo nome. São diferentes porque as necessidades e a compreensão do mundo não são as mesmas entre quem habita as cidades que entre quem habita as aldeias. Para uns, o Entrudo é espetáculo e bailes de disfarces e, para os outros, o Entrudo é uma celebração que prima a desordem e a violência fugazes para fortalecer as relações entre vizinhos e suavizar as tensões e os conflitos. Seja como for, qualquer Entrudo é uma demonstração da criatividade imaginativa da comunidade. Porque nada é aleatório, ainda quando tudo sejam brincadeiras. Cada uma das cerimónias, objetos ou personagens que fazem a sua aparição durante os dias *mágicos* (Domingo fareleiro, Domingo corredor, Quinta de compadres, Quinta de comadres, Sábado, Domingo, Segunda ou Terça de Entrudo) tem um significado. Significado que faz sentido, como é lógico, apenas no seu con-

texto. São os saberes práticos da tribo.

Comemos a faltar, bebemos até encher e saímos festejar às ruas ou às corredoiras vestidos como nos apetece (ou do que nos corresponde) para mostrar sentimentos que ordinariamente

Comemos a faltar, bebemos até encher e saímos festejar às ruas ou às corredoiras vestidos como nos apetece para mostrar sentimentos que ordinariamente seriam uma ameaça para a ordem social

No Entrudo, celebramo-nos e interpretamo-nos a nós mesmos, expressamos o nosso jeito de ser e de sentir, defendemos o prazer de viver

seriam uma ameaça para a ordem social. No Entrudo, celebramo-nos e interpretamo-nos a nós mesmos, expressamos o nosso jeito de ser e de sentir, defendemos o prazer de viver, formulamos as nossas crenças e criamos vínculos de identificação paroquial, vilega ou urbana.

Então por que teimamos em celebrar o Entrudo longe dos nossos vizinhos?

Se por curiosidade académica ou por ânsias de troula formos a Ginzo ver as pantalhas, a Viana do Bolo ver os boteiros, a Laça ver os peliqueiros, a Salcedo ver o urso, a Sarreaus ver o vergalheiro ou a muitos outros lugares, viremos impressionados de tanta representação que nos aproxima à origem mesma da sociedade. Mas é na nossa comunidade, com a nossa gente, onde temos a oportunidade perfeita para criar, inventar, reinventar, satirizar, adaptar, os costumes e as normas, porque essas são as que conhecemos e compreendemos, e por-



que o Entrudo é um foro ideal para quem pretende mudar o *status quo* das coisas.

Agora que as práticas carnavalescas durante as moínhas, as fiadas, as esfolhas... desapareceram no nome do progresso, da razão e da ciência estamos na obriga de conservar aquilo que resiste. Temos a responsabilidade histórica de evitar a desapareição definitiva das criações culturais construídas com o maior dos entusiasmos.

Viva o Entrudo!



GEOGRAFIA

SANTIAGO FERNANDES, MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL FERVENÇAS

“O PP leva desde a sua fundação em Aranga umha política completamente destrutiva com o meio”

Maria Álvares

Segundo dados da Comissão pola Recuperación da Memoria Histórica, Aranga é o concelho rural da Galiza com mais vítimas retaliadas durante o franquismo; em muitas fossas comuns do concelho encontram-se os corpos de vários combatentes da Quarta Agrupação do Exército Guerrilheiro que tivo umha presença mui destacada na zona. Do ponto de vista do património natural, a situação de Aranga, entre a Terra Chá e a Marinha betanceira, oferece-nos formosos vales, onde se podem encontrar ainda algunhas fragas autóctones que resistem a acção humana. Destaca a fraga do Mandeu, rodeada de impressionantes ferveças e moinhos, mas mui castigada polas minicentraís construídas na actualidade. Estas fragas ofereceram refúgio durante anos aos guerrilheiros e fugidos durante o franquismo. Santiago Fernandes, natural de Aranga e membro da Associação Cultural Ferveças que trabalha a zona, achega-nos umha das comarcas mais desconhecidas da Galiza interior.

O concelho de Aranga é o concelho rural da Galiza com mais vítimas retaliadas durante o Franquismo e a guerra civil, isto porquê?

Nom existe umha explicação clara, mas a sua situação pode que seja a explicação deste facto. Ao ser atravessado pola N-VI, principal via de comunicação entre Corunha e Lugo, por ela circulariam as pessoas detidas, destino das cadeias provinciais destas cidades, ainda que muitas vezes assassinavam-nas já aqui para dificultar a sua busca aos familiares. Além disso, a presença de guerrilheiros na zona também pode explicar estes assassinatos, para amedrontá-los ou como “avisos”.

De quantas vítimas estaríamos a falar, que se tenha constância?

Segundo o Registo Civil de Aranga, até o ano 1949 foram anotad@s cerca de 50 falecid@s, ainda que há

constância de pessoas enterradas sem passar polo Registo Civil, num número indeterminado, que poderia ser mui superior segundo algunhas testemunhas. Além disso, sabe-se que era umha prática muito habitual deitar @s retaliad@s no rio Mandeu. A ponte da Castelhana era um lugar onde se praticavam muitas destas execuções e muitos corpos de retaliad@s neste ponto nom se teriam encontrado nunca por ir directamente para o mar.

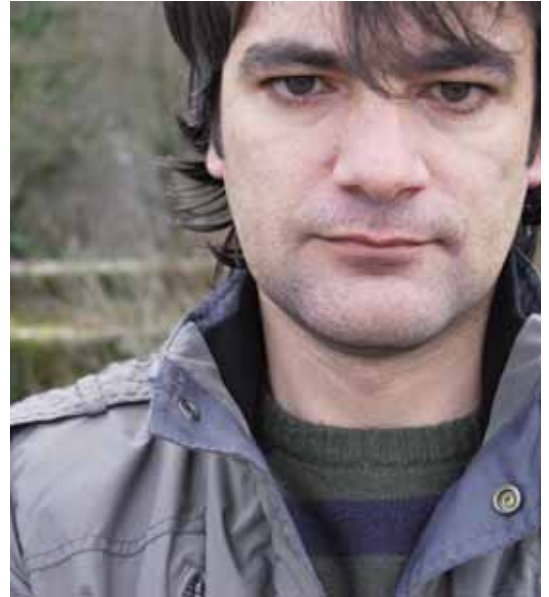
E a que se deve segundo o investigado até agora?

Muito especialmente à situação, crê-se que para evitarem ser identificados falangistas da zona de Lugo iriam a Corunha ou Betanços a recolherem detid@s que depois seriam assassinad@s polo caminho, entre a Costa do Sal e Guitiriz; o mesmo aconteceria à inversa, com falangistas de Betanços

“O objectivo principal das associações que existem na actualidade em Aranga é fazer trabalho de base sobretudo ao nível cultural”

e arredores indo para Lugo. Mas isto é apenas umha teoria.

Além disso, estamos a falar dumha zona de muita presença dos guerrilheiros que combatêrom o Franquismo, concretamente da Quarta Agrupação, a mais activa nesta altura. Por que é assim e



A associação a que pertence Santiago Fernandes nasce em 1997

quanto tempo estariam nos montes da comarca?

A actividade de guerrilheiros na comarca é muito destacada; aqui procurariam refúgio nas fragas e montes, para além de ser zona de passagem em direcção às fragas do Eume onde estariam os grupos que actuavam em Ferrolterra e arredores.

No ano de 1951, o PCE decide deixar a luta das guerrilhas ainda que ficárom muitos que resistirom algum tempo mais, já mais por sobrevivência própria que pola luta. Em 1952 seria detido Foucelhas e condenado à morte, sendo praticamente o fim desta agrupação.

Além disso, está registado o soterramento numha fossa comum de vários guerrilheiros desta agrupação num cemitério da zona; de quem se trata e quando foi a sua morte, por que ocorreu?

Na igreja de Sam Vicente de Ferveças descansariam numha fossa comum os corpos de Marrofer, o tenente Feixoo e Doldán, os três guerrilheiros abatidos nunha emboscada da Guarda Civil juntamente com possíveis elementos falangistas. Crê-se que esta emboscada ocorreu por umha delação dum vizinho. Os guerrilheiros acostuavam refugiar-se em casas de vizinhos, em alpendres, cortes... Oficialmente só fôrom três os guerrilheiros mortos, ainda que, segundo outras fontes, puiderom ser quatro. Na fossa do cemitério de Vilarraso sabe-se que também há outro guerrilheiro soterrado.

Ainda que se trata dumha zona com um importante património ambiental, especialmente a área do rio Mandeu, vê-se completamente abandonada...

O motivo principal deste abandono é o desconhecimento da zona da própria administração local.

O PP leva desde a sua fundação em Aranga umha política completamente destrutiva com o meio. A prova deste desinteresse foi a construção da minicentral da Castelhana que significou a destruição de grande parte das fragas do Mandeu e danos importantes no rio, apesar de estar declarado como zona protegida.

Qual é o trabalho que está a desenvolver Ferveças na comarca e os objectivos desta associação?

A associação de Ferveças, que nasce em 1997, assim como outras do concelho, trata de dinamizar cultural e socialmente a comarca, com um apoio quase nulo da Câmara Municipal, como acostuma ser habitual, especialmente no caso da nossa associação.

O objectivo principal das associações que existem na actualidade em Aranga é fazer trabalho de base sobre todo ao nível cultural, muito especialmente tratando-se dumha comarca do interior e com mui pouca população nova. Nestes momentos, está-se a trabalhar numha federação de associações. Umha das actividades a realizar é a festa do Entrudo com um jantar popular e a recuperação de jogos tradicionais.

Também temos marcado para os próximos meses umha série de actos e conferências com a CPRMH sobre a repressom em Aranga. Além disso, faremos um roteiro para assinalar as fossas comuns das que temos constância ou os lugares habituais de passamentos na zona: a Costa do Sal, a ponte da Castelhana ou os cemitérios de Vilarraso ou Sam Vicente de Ferveças.





criaçom

No pólo oposto das construçõs faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadei-

ro activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Depois de ganhar um Prémio Xerais (*Tres segundos de memoria*, 2006) e publicar vários romances na mesma editora (o último, *Dime algo sucio*, acaba de saír do prelo), Diego Ameixeiras arriba a esta secçom de criação com um relato inédito que nom nos há deixar indiferentes.



Lírica postregresivista

A morte de Toni Wardrop afectou-me muito. Nom voltei a ser o mesmo desde que soube que o seu cadáver aparecera esquartejado num contentor do lixo. Unha manhá recibim a chamada do seu editor. Queria encarregar-me a tarefa de reunir a sua obra póstuma. Aceitei ao momento. Era um privilégio poder estudar todos os seus poemas e converter-me no maior especialista na sua obra. Estava seguro, como toda a crítica, de que *A máquina devoradora*, *Sartegos* e *O baile do detonador* eram livros de poemas magníficos, mas também de que entre os seus inéditos poderia descobrir autênticas jóias literárias.

Umha semana mais tarde, apresentei-me na sua casa. Sabia que ia ser mui duro, mas que pagaria a pena. A sua mai nom parou de chorar durante o tempo que estivemos a falar. Abracei-a. Confessou-me que nunca poderia superar a morte da filha. Pensei que era certo. A vida é assim mesmo, dura, um milhom de golpes. A mulher perdera vários quilos e tinha a olhadum animal doente. Deu-me o computador portátil de Aurora e dixo-me que era possível que nalguns cadernos houvesse poemas manuscritos sem passar a limpo. Voltaria outro dia por eles, quando os tivesse localizado.

Sentia unha enorme emoçom. Estar a piques de descobrir as obras póstumas de Toni Wardrop mesmo mitigava a dor que sofria pola sua ausência. Era como se continuasse a respirar entre todos nós. Estava morta, mas sempre seria o referente intelectual do grupo. A poeta que nos descobri- ra Anne Sexton e Marina Tsvietáieva quando só tínhamos quinze anos.

De volta na casa, liguei o computador e localizei umha pasta onde guardava três livros de poemas. *Mulheres de Seattle* era um formoso canto à nostalgia grunge cheio de referências culturalistas. Vinte longos poemas em que evocava os anos que vivera em Capitol Hill. *Vampiros em fila indiana* era umha colecçom de pensamentos breves em cujos paradoxos se distinguíam ecos do budismo Chan. Um grande exercício de concisom poética em que demonstrava o seu conhecimento das cosmogonias orientais. A leitura do terceiro livro provocou-me um impacto emocional como nunca podia ter imaginado. Era, sem nengumha dúvida, a sua obra definitiva. Um livro de poemas de beleza fulgurante que superava qualquer dos seus outros livros publicados em vida. *Silabário contra os últimos desertores* continha todas as suas obses- sions poéticas – mulher, soledade, sexo – revestidas dumha força hipnótica e tremendamente subversiva. Ninguém poderia ficar indiferente ante aquele maravi-



“Sentia umha enorme emoçom. Estar a piques de descobrir as obras póstumas de Toni Wardrop mesmo mitigava a dor que sofria pola sua ausência. Era como se continuasse a respirar entre todos nós”

lhoso catálogo de emoçõs. Chamei imediatamente o seu editor e comuniquéi-lhe a existência daquele tesouro poético. Eu continuava comovido, mas surpreendeu-me a frialdade com que recebeu a notícia. Sabia daqueles poemas desde que Toni

Wardrop lhos enviara dez anos atrás, mas nunca quigera publicá-los. Pareceram-lhe insípidos e pretensiosos. Um passo atrás na sua carreira poética. Devia destruí-los, eram impróprios dumha escritora que com Sartegos modificara o rumo da poesia contemporânea.

Unha semana mais tarde, o corpo do editor apareceu esquartejado num contentor do lixo. Afectou-me muito declarar perante a polícia. Nom voltei ser o mesmo. O ano pasado publiquei o meu primeiro livro de poemas, *O cárcere e a máquina de fabricar pássaros*, um texto que contém todas a minhas obses- sions poéticas – mulher, soledade, sexo – revestidas dumha força hipnótica e tremendamente subversiva. A crítica enquadra-me dentro do *postregresivismo*, movimento poético fundado por Toni Wardrop e cujos componen- tes estamos pendentes de julgamento perante um tribunal que nom reconhecemos.



A FOTO

Xela Rodríguez

Aqui están, na quinta manifestaçom pola defesa do ensino em galego desde o 1 de Março. Foi no 21 de Janeiro, em Compostela. Era día laborável, mas juntáron-se dúzias de milheiros de galegos e galegas para demandarem um ensino na sua língua. 33% nom é abondo numha língua esquecida na maior parte dos ámbitos da sociedade. El leva um guarda- chujas em alto, e nel chantada a sua reivin- dicaçom: Eu (coraçom) ensino em galego. Ela arnarra um seu bolso ao seu carom e, parados os dous no meio do passeio, aguardam a que chegue a cabeça da manifesta- çom que umha hora depois havia encher a Praza do Obradoiro. Nom andam na idade de conhecer o ensino trilingüe, mas de segu- ro sabem o que é aprender num modelo de ensino que esqueceu, deturpou e foi xordo durante décadas à nossa língua. Chegáron a Compostela cedo, de manhá, numha quinta-feira, e figérom parte, com crianças, rapa- zes e raparígas, e outros homens e mulheres, dumha vaga de gente que se amoreou nas ruas para fazer ver que a improvisaçom polí- tica nom se pode arreponher à parte da nossa identidade como povo.



LÍNGUA NACIONAL

Sobor da estratégia

Valentim R. Fagim

No e-mail que enviei à equipa correctora do Novas, pedim-lhes para deixar o título tal como está. Hoje vou quebrar umha regra nascida de vários anos a escrever artigos sobre língua: focar a atenção na correção do código. Esta regra nasceu por dous factos. O primeiro é que, em geral, o pessoal se molesta e até se desmotiva quando ressaltam os seus erros e, muito mais importante, porque a imperícia no código é um **indicador do vigor social** de umha língua num dado território. Por outras palavras, se há que corrigir qualquer cousa, é melhor começar pelas origens. Ou como recomendam na Teoria de Gestom de Grupos: duro com o problema e mole com as pessoas.

Neste Língua Nacional queria centrar-me sobre a natureza dalguns erros. Nom interessam

agora os que surgem directamente do facto de o castelhano ser a língua socialmente dominante, os castelhanismos, e que som a imensa maioria. Há um outro tipo de erros que acho mais atractivos. Os textos da literatura galega estão repletos deles: sobor, oficinha, estrano, crás, rubidoiro, televejo, semá. O esquema é assim: umha dada palavra é comum com a correspondente castelhana e tenta **emendar-se a falta**. Todos eles temem em comum surgirem da **vontade de língua**, o que os torna erros amigáveis.

Recentemente estão-se a divulgar uns outros **erros maravilhosos** porque colocam um novo esquema sobre a tabuleiro. Som hipercorreções baseadas nas variedades da nossa língua que som hegemónicas socialmente. É o caso da palavra ESTRATEGIA.

Dado que as palavras portuguesas acadêmia, alergía, anemía, epidemía... som em castelhano acentuadas no E, as pessoas generalizamos esta regra e inventamos estratégias, um **indicador** claro de que escorregamos na direcção certa.

É a estratégia da *estrategia!*



CINEMA PARA PENSAR

Retorno a Hansala

Francesco Traficante

Com vários os filmes espanhóis que temem tratado o tema dos imigrantes. Filmes como este som mui oportunos, e mais agora que a direita mais rançosa está a falar do tema de umha forma irresponsável criando ódio e desconfiança. E o pior é que seja por arrancar uns votos apelando às mais baixas vísceras de certo sector da população. Este filme vem-nos lembrar umhas quantas cousas. Da autoria da directora andaluza Chus Gutiérrez, obteve o prémio especial do júri na Seminci de Valhadolid em 2008. À diferença da maioria das propostas cinematográficas sobre este tema, cuja abordagem é quase sempre desde a vida dos imigrantes umha vez chegados à Europa, ou tentando chegar à Europa (disto último um bom exemplo é o filme "14 quilómetros"), "Retorno a Hansala" fai-nos pensar nas causas da vinda destes emigrantes patenteando sem dramatismos nem frivolidade as duras condições materiais

e a desesperança em que vivem nos seus países. Com motivo da repatriação do cadáver de um adolescente marroquino afogado no mar tentando cruzar o Estreito de Gibraltar, o dono de umha funerária acompanha a sua irmã, imigrante já com papéis. No caminho imos indo através de Marrocos até chegarmos à aldeia dos dous irmãos, e ali é onde o espanhol sofrerá umha transformação paulatina. Partindo da sua fixação por cobrar os três mil euros que custava o transporte do cadáver e a caixa, acabará por renunciar ao dinheiro comovido tanto pela solidariedade entre todas as famílias da aldeia para juntarem o dinheiro como por se decaitar da sua precariedade material e vital, onde só o sentido de comunidade permite que as pessoas queiram seguir adiante. Mas a desesperança de que qualquer possibilidade de progresso e melhora se dê num país onde a gente está absolutamente abandonada por um governo e um rei milionários contrasta gritantemente com a pobreza generalizada dos seus súbditos, que nom cidadãos,



A técnica que usam os ladrons é a mesma que levam usando galegos de toda a vida nas nossas próprias estradas

num país onde a democracia é pura ficção. A figura do menino da aldeia que tenta emigrar custe o que custar, os gestos de amabilidade e a colaboração sincera da gente da aldeia para tentar resolver-lhe os problemas; mesmo a inocência das perguntas da mãe do falecido som elementos que farão nom só que se transforme o protagonista, mas também o ajudem a tomar umha decisão relativamente ao seu matrimónio, já roto desde há algum tempo, quando aprende a relativizar mesmo os problemas que podamos ter na nossa sociedade da opulência. Quando volvemos com eles às costas andaluzas e vemos novos cadáveres de imigrantes no tanatório, a nossa olhada já mudou. E isso acontece porque os sentimentos só podem ser verdadeiros quando os mortos deixam de ser umha simples nova do jornal, umha cifra, para converterem-se em pessoas de carne e osso com que temos falado ou som familiares de imigrantes com que convivemos. A convivência e o respeito som as melhores ferramentas para a integração das pessoas que

venhem trabalhar para o progresso das nossas sociedades. Essa é outra das mensagens que o filme nos deixa. O mínimo que podemos e devemos fazer é facilitar o seu recenseamento para que tenham direito à saúde e à educação, mais comparado com o seu contributo para as nossas sociedades: rejuvenescer a nossa população garantindo as nossas pensões no futuro, fazer os trabalhos mais duros, cuidar dos nossos velhos, fazer umha sociedade mais rica culturalmente. Os delinquentes estão em todo o lado, e para isso também o Estado tem sobradas armas para pará-los. O episódio no filme do assalto à furgoneta fai-nos ver que o fenómeno tem menos a ver com a emigração e mais com outros factores. De facto, a técnica que usam os ladrons é a mesma que levam usando galegos de toda a vida nas nossas próprias estradas, ainda nestes últimos anos. E nom som imigrantes. Fazer demagogia culpabilizando a imigração da nossa crise é um argumento falaz e perigoso. Filmes como este ajudam a pôr as cousas no seu sítio.